



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Sul e Nordeste: discussões sobre o limiar do preconceito contra origem geográfica e de lugar.

Luciana Butzke¹
Emily Camila Batschauer²

Resumo

A migração recente de nordestinos para o Sul tem motivado reações adversas, incluindo discursos conservadores que reforçam certas visões preconceituosas do Nordeste e dos nordestinos e estimulam o discurso de ódio que se manifesta principalmente no ciberespaço. A partir da análise da pesquisa bibliográfica, esse trabalho visa entender como a identidade regional acaba por contribuir para reproduzir tais discursos de preconceito de origem geográfica e de lugar, partindo de como se dá a construção da identidade nacional e das identidades regionais do Nordeste e do Sul do país e como essa formação acaba por influenciar o discurso de ódio tendo sua propagação também pelo ciberespaço. Com isso, as relações de trabalho e de classe estão diretamente conectadas com os discursos preconceituosos, além de uma forma das instituições dominantes manterem o status quo dos seus ideais naquela sociedade.

¹ Professora do Programa de Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (PPGDR/FURB), Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lbutzke@furb.br

² Mestranda em Desenvolvimento Regional na Universidade Regional de Blumenau (PPGDR/FURB), Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: emilybatschauer@gmail.com. Bolsista de pesquisa de mestrado CAPES.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Palavras-Chave: Preconceito Contra Origem Geográfica e de Lugar; Identidade Regional; Identidade Nacional; Sul; Nordeste.

South and Northeast: discussions on the threshold of prejudice against geographical origin and place.

Abstract

The recent migration of Northeasterners to the South has prompted adverse reactions, including conservative discourses that reinforce certain prejudiced views of the Northeast and Northeasterners and stimulate hate speech that manifests itself mainly in cyberspace. Based on an analysis of bibliographical research, this paper aims to understand how regional identity contributes to the reproduction of such prejudiced discourses of geographical origin and place, starting from how national identity and regional identities in the Northeast and South of the country are constructed and how this formation ends up influencing hate speech, which is also spread through cyberspace. As a result, labor and class relations are directly connected to prejudiced discourse, as well as being a way for dominant institutions to maintain the status quo of their ideals in that society.

Keywords: Prejudice Against Geographical Origin and Place; Regional Identity; National Identity; South; Northeast.

1. Introdução

A identidade é construída por várias áreas do conhecimento, dentre elas a história, a sociologia, a geografia, a antropologia. Ela se constrói a partir da memória, da religiosidade, nas pelos grupos sociais e pelas sociedades (Castells, 2000). Assim como, a identidade vem da luta de classes, onde a identificação trás o sentimento de pertencimento e nomeia uma forma de conquistar espaço (Holloway, 2003).

Ao tratar de identidade, Manuel Castells (2000), pontua três tipos de identidades: a legitimadora, que é colocada pelas instituições dominantes com o





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

objetivo de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; a de resistência, que é criada pelos atores que se encontram com suas identidades desvalorizadas e estigmatizadas pelas intuições dominantes; e a identidade de projeto, que é quando os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na identidade e procura a transformação da estrutura social. A partir disso, se desenvolvem as duas “identidades regionais” – Nordeste e Sul – e da “identidade nacional” a partir da “identidade legitimadora”, ou seja, a partir da construção identitária das instituições dominantes.

A identidade vai além de algo individual, ela também permeia a nossa noção de pertencimento a um local, a um território. Com ela, temos esse sentimento de pertencimento a uma nação e uma construção cultural do que somos. Essa construção de identidade nacional se inicia no período pós-identidade, com forte presença da cultura e da aristocracia portuguesa, sendo a principal influência do futuro do ideal dos detentores do poder da sociedade brasileira como europeus. principalmente dentro de uma gênese europeia com o requinte da aristocracia portuguesa (Albuquerque Jr, 2012). Essa influência é refletida na literatura da época, colocando os movimentos do Romantismo e do Modernismo como principais vozes de uma identidade brasileira.

Quando falamos de identidade regional, falamos em uma reação que resulta em uma homogeneização cultural, que se torna uma forma de ressaltar as diferenças culturais entre as regiões (Oliven, 2000). Com isso, é possível construir uma reflexão para o preconceito contra a origem geográfica e de lugar. Iniciando de como o Sul e o Nordeste se construíram como região.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

A delimitação do Nordeste, como região remonta pela década de 1920, onde surge na delimitação do espaço a partir do mapa da seca, onde o termo “Nordeste” surge a partir da região de estiagem da parte Norte do país a partir da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919. Porém, a sua história remonta aos primeiros portugueses a atracarem no litoral da Bahia, das histórias da escravidão, revoltas, terra de grandes intelectuais, artistas, políticos, escritores antes mesmo do Nordeste ser o que entendemos por ele hoje.

A concepção sulista vem de uma perspectiva do ser europeu e não de ser brasileiro. Isso se dá a partir da continuidade das tradições das etnias dos emigrantes europeus a partir da perpetuação da língua e dos centros culturais. Dentro do universo simbólico, esse ethos do camponês e trabalhador era ligado a figura do imigrante, enquanto a preguiça e indolência era atribuído ao brasileiro (ou caboclo). No plano ideal, a representação do europeu e seus descendentes e até mesmo a própria colonização é visto como um processo de civilização instaurado na selva pecaminosa brasileira, onde o brasileiro é visto no papel do bárbaro. Assim, a identidade do Sul começou a ser ligada a imigração branca e europeia, contrapondo o Norte, com a temida miscigenação, carregando, dessa forma, as tradições de um Brasil colônia (Seyfeth, 2000).

Diante do que vimos na criação das identidades regionais, é claro que ambas as regionalidades abordadas, a Nordestina e a Sulista, assim como a ideia de identidade nacional, são constituídas por uma estrutura de classes. A identidade nacional é abordada na ideia de cultura unificada europeia, excluindo a singularidade apresentada pelos regionalismos e de etnias não-europeias. Enquanto o Nordeste se agarra a uma memória distante de um passado de cangaceiros, beatos e





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

latifundiários, esquecendo do fato que a região nasceu de um mapeamento da seca, de mais de 300 anos de exploração de suas terras e de sua gente, constituindo uma “não classe trabalhadora”. E o Sul segue com a ideia do mito do colono pioneiro, que remete dá a imagem do pioneiro e obediente, apagando uma estrutura de uma ideia racial de embranquecimento e de auto exploração obediente, sem questionamentos. Ao ter essa base, podemos ver uma possível compreensão sobre como se originou os discursos de ódio contra populações do Nordeste no Vale do Itajaí.

A metodologia do artigo é a pesquisa bibliográfica, com a discussão e articulação dos conceitos (identidade e preconceito contra origem geográfica e de lugar). E constitui-se nos tópicos de Introdução, Construção da identidade nacional, A Construção da Identidade Regional no Nordeste, A Construção da Identidade Regional no Sul, Fortalecimento do Discurso de Ódio nas Mídias e a questão da origem geográfica e de lugar, Considerações finais e referências.

2. Construção da identidade nacional

Para identificarmos os aspectos que ocasionaram os acirramentos que resultaram no preconceito contra a origem geográfica e de lugar, temos que compreender a identidade brasileira e a construção e a participação da instituição dominante – compreendida no Brasil como a burguesia empresarial e latifundiária - da sociedade brasileira. A partir dessa instituição dominante, pode-se entender o porquê o discurso de ódio é propagado e como as relações de classe se fazem presentes. Isso vai além das relações concretas e se espelham nas relações virtuais no ciberespaço.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

No período pós independência, ainda há a forte presença da cultura da aristocracia portuguesa influenciando o futuro brasileiros. No período do Romantismo (1836-1881), uma das formas de construir uma identidade nacional foi trazer a figura do indígena como puro e não corrompido pela civilização, uma representação do verdadeiro brasileiro (como vai acontecer em meados do próximo século durante o Integralismo) (Albuquerque Jr, 2012). A imagem é apresentada pela obra “O Guarani”, de José de Alencar (1996), que contradiz a ideia do “selvagem” trazendo-o como o valor mais alto e humano da dita civilidade sendo aos poucos corrompida pela sociedade burguesa, pela civilização capitalista que surgia pela Europa na época. Além da figura do indígena, a população negra participante no trabalho escravo nas lavouras e nas mineradoras. (Albuquerque Jr, 2012).

Adentrando em outra perspectiva, Zarur (2000), remonta que a construção da ideia de identidade nacional remete a República Velha. Para o autor, a instituição dominante brasileira da época se constrói como uma categoria social que porta um projeto político que perpetua através dos séculos e visa, primordialmente, constituir uma unidade nacional. Para isso, o autor coloca duas características principais para definir o Ethos³ dessa categoria: conciliação e ordem.

A conciliação é umas das principais característica do comportamento dos brasileiros, que nada mais é que sempre evitar a luta, que é levada até a última consequência quando se trata das camadas dominantes. Quando o indivíduo de

³ “No processo de desdobramento do ethos, salienta-se a importância do papel dos estereótipos – modelos pré-construídos que imprimem à figura do orador um pré-conhecimento que permite ao ouvinte o traçado de uma impressão antecipada do ethos a ser manifestado na atividade oratória. Trata-se de um esquema coletivo cristalizado, forjador de imagens pré-concebidas que condicionam a postura do ouvinte/leitor em relação aos possíveis efeitos do discurso” (Guimarães, p.3, 2008).





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

classe inferior adere ao lado vencedor, é assimilado com a própria categoria da instituição dominante.

Como a conciliação vem para evitar brigas entre as classes, a ideia de ordem é a própria negação da conciliação e a imposição da violência das relações de classe. A ordem é um conceito contrário do conceito anterior, porém, elas se complementam. É correlacionado ao não entendimento, a negação do compromisso e o uso da força sem limites para impor o poder de uma mesma categoria social que hesita, perdoa e acolhe o conflito acontece em si. Tal ponto que auxilia os dois conceitos se reunirem é o medo. Principalmente quando as categorias de classes abaixo do que Zarur (2000) define como “Elite” acabam se exaltarem e reivindicarem maiores espaços e direitos dentro do sistema liderados por eles.

A partir disso, Oliven (2000), trazendo a discussão de identidade regional, remonta a República Velha e aborda as noções do fortalecimento do regionalismo no Brasil a partir do Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre (1996). Nesse período é acentuada a tendência de pensar na organização da sociedade e do Estado no país para a discussão de região e da nacionalidade a partir das transformações sociais que estavam ocorrendo na época.

Havia certas oscilações sobre o assunto. A produção cultural brasileira é constantemente desvalorizada pela sua própria população, sendo reforçada pela instituição dominante, colocando a perspectiva europeia e, mais recentemente, estadunidense do que seria a cultura. Em contraponto, outros momentos percebem-se que existe certas manifestações da cultura brasileira que passam a ser valorizadas, exaltando os símbolos nacionais (Oliven, 2000).



Um exemplo foi o Movimento Modernista de 1922, que implicou na reatualização no âmbito dos movimentos artístico-cultural que estavam ocorrendo fora do país, ressignificando-se para buscar as nossas raízes nacionais, dando valor do que havia de mais autêntico no país. Dentre as contribuições do movimento atualizou artístico cultural de uma sociedade subdesenvolvida.

Dessa forma, o segundo momento do Modernismo⁴ (1924 a 1945), o culto ao passado é trocado pela elaboração de uma cultura nacional como uma redescoberta do Brasil. Os modernistas recusavam o regionalismo e acreditavam que o nacionalismo seria a forma para se chegar ao universal. Tanto que, mais tarde, após um mês da implementação do Estado Novo, houve a queimada das 21 bandeiras estaduais ao som do Hino Nacional na regência de Villa Lobos, enquanto todos os símbolos regionais se tornam apenas uma única bandeira (Oliven, 2000).

Sendo assim, a afirmação das identidades regionais para Oliven (2000) pode ser encarada como uma reação que resulta em uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Com tais redescobertas das diferenças, o autor sugere que o nacional deve passar primeiro pelo regional.

3. A Construção da Identidade Regional no Nordeste

Dando continuidade a questão da identidade, foi construída uma perspectiva da elaboração da identidade nacional a partir dos autores apresentados no tópico anterior, que, como podemos ver, constituiu-se principalmente dentro de uma base

⁴ O Modernismo foi um movimento artístico, político e cultural, consagrado com a Semana de Arte Moderna de 1922, que ocorreu durante três períodos durante o século XX, sendo o primeiro de 1924-1930, o segundo de 1930 a 1945 e o terceiro de 1945 a 1978 (Cardoso, 2015).



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

européia com o requinte da aristocracia portuguesa. Além de uma forte presença do nacionalismo integralista com a presença do período do Romantismo e do Modernismo, tanto da sua primeira quanto da sua segunda etapa. Porém, iremos começar a perpassar aos olhares regionais da questão.

Em meados do século XIX, Salvador despontava como uma economia em potencial. Porém, com a crise do açúcar, o enigma baiano, pois tudo que sustentava no ciclo do açúcar acabou por desmoronar. Já na primeira metade do século XX, um excedente da população migrou para o Centro-Sul do país. “Serão baianos lá uma malta que junta todos os nordestinos. Forma de reconhecimento de uma não identidade. Identidade precária, fora do seu lugar.” (Oliveira, 2003, p. 36).

A região Nordeste surge a partir de uma união político-cultural como contrapartida de perda de espaços econômicos e políticos dos produtores de açúcar e algodão. Assim, “lança-se mão de topos, de símbolos, de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não dominada por eles: a nação” (Albuquerque Jr, 2011, p.80). Fazendo com que novas fronteiras sejam delimitadas conforme do mapa da seca, onde o termo “Nordeste” foi cunhado a partir da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, para designar uma área de atuação em uma região do Norte.

Sendo assim, não existe uma formação de uma classe trabalhadora, mas sim da baianidade, em que não apaga a divisão e a espoliação, assim como a dura realidade da opressão sobre a cor, o sexo, o trabalho, que mascara, esconde e transforma para uma não forma geral, deixando com que a baianidade emergja a partir





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

de um conjunto de interesses para que não se constitua uma concepção de classe trabalhadora (Oliveira, 2003).

Se o discurso da ‘baianidade’ ganha força e até foros de reivindicação da autenticidade baiana, é o percurso do capital agora, fundando-se e se reproduzindo sobre a segmentação dos processos de trabalho, sobre a onda humana do exército de reserva, que confunde e máscara. (Oliveira, 2003, p. 40).

Enquanto isso, em uma outra perspectiva, Albuquerque Jr (2011), diz que a procura por uma identidade regional surge como reação a dois processos de universalização que se cruzam, a globalização do mundo pelas relações do capitalismo na questão econômica e pelas relações sociais advindas da modernidade; e a nacionalização das relações de poder com a sua centralização nas mãos do Estado cada vez mais burocrático. Com isso, a identidade regional vem para costurar uma memória, criar tradições, buscar uma gênese que religa o indivíduo do presente a um passado atribuído a uma existência que não têm mais significado. “O ‘Nordeste tradicional’ é um produto da modernidade que só é possível pensar neste momento” (Albuquerque Jr, 2011, p.91).

Sendo assim, a busca pelas reais raízes regionais, dentro do campo da cultura, leva a necessidade de criar uma tradição. Inventando-as, tenta estabelecer uma estabilidade entre a nova ordem e a anterior, na tentativa de conciliar a nova territorialidade com os antigos territórios sociais e existenciais. “A manutenção de tradições é, na verdade, sua invenção para novos fins, ou seja, a garantia da perpetuação de privilégios e lugares sociais ameaçados” (Albuquerque Jr, 2011, p.90).

4. Construção da Identidade no Sul





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

O Sul do Brasil tem uma forte influência da imigração europeia na região, mantendo fortes as tradições dos seus colonizadores até os dias atuais. Desde cidades voltadas ao turismo para experimentar o passado colonial, aos festivais que enaltessem as vestimentas e danças vindas com os imigrantes. Além de várias políticas públicas para manter as línguas dos colonos ainda vivas. Com isso, esse tópico trata das motivações e a construção da identidade regional do Vale do Itajaí, em Santa Catarina e do Sul do Brasil. A concepção sulista vem de uma perspectiva do ser europeu e não de ser brasileiro. Isso se dá a partir da continuidade das tradições das etnias dos emigrantes europeus a partir da perpetuação da língua e dos centros culturais.

A construção das identidades étnicas é baseada na percepção das diferenças em relação a sociedade brasileira. Tais diferenças são ligadas a origem cultural, como a língua, hábitos alimentares, a moradia, a formas de organização social e os fenótipos que traz o sentimento de pertencimento racial. (...) “Mas em relação ao brasileiro genérico, todos têm em comum a experiência compartilhada de colonização” (Seyfeth, 2007, p.97).

Dessa construção das identidades étnicas, houve uma característica de distinção da inserção econômica de cada grupo de imigrantes no Brasil, a característica do ethos do trabalho. O colono era o trabalhador, ligado a terra reforça a tese do pioneirismo. Dentro do universo simbólico, esse ethos do colono-trabalhador era ligado a figura do imigrante, enquanto a preguiça e indolência eram atribuídas ao brasileiro (ou caboclo). No plano ideal, a representação do europeu e seus descendentes e até mesmo a própria colonização é vista como um processo de “civilização” das brasilidades, onde o bárbaro é visto no papel do brasileiro. Assim, a





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

identidade do Sul começou a ser ligada a imigração branca e europeia, contrapondo o Norte, com a temida miscigenação, carregando, dessa forma, as tradições de um Brasil colônia (Seyfeth, 2000).

Com esse ponto apresentado sobre os imigrantes e seus descendentes como europeus, e os dizeres de que o Sul é uma “Europa sem passaporte”, expressa a mais absoluta, reforçando as ideias hegemônicas e o imigrante “, não passa de um combustível mais eficaz na rota para a modernidade” (Seyfeth, 2000, p.106).

Seyfeth (2000), trata a questão dessa migração de europeus de política de embranquecimento da população brasileira, reforçando que o branco europeu era o imigrante ideal. Qualquer outro grupo étnico-racial do que o branco europeu, era contraproducente na formação nacional “civilizada” brasileira. Esse ideal de embranquecimento populacional reforçou as teorias racistas que se intensificaram no século XIX. Tais teorias auxiliaram na “ciência das raças”, dando respaldo científico para dar sequência ao processo branqueador do processo de miscigenação do país.

Méri Frotscher (2007) trabalha o recorte do Sul, mais especificamente de Santa Catarina e o Vale do Itajaí. O texto dela trata do tema da migração alemã e a ideia da suposta superioridade alemã tão enraizada naqueles que se veem como descendentes de alemães, ou melhor, como europeus. Muito desta perspectiva é descrita em 1929 em jornais locais. A migração europeia tinha como objetivo do adensamento populacional e a instalação de algumas empresas na região.

A colonização alemã na região do Vale não tinha intuito financeiros imediatos, mas um objetivo político de médio prazo claro. O Partido Republicano Conservador (PRC) tinha como objetivo o adensamento populacional na região, com



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

intuito de alargar a sua base de apoio em direção do Planalto catarinense. Com o apoio do Estado, aliados e grupos privados que realizavam investimentos para contribuir no avanço econômico da região e contribuir para o fortalecimento do partido (Frotscher, 2007).

A preocupação com essa política migratória possuía um peso considerável ao ponto que o cônsul alemão, Dittmar, em seus relatórios, enviava alemães apenas para as regiões que ele julgava manter a língua e a cultura alemãs. A partir dessa construção, o cônsul tinha um outro vislumbre: construir “pontes” entre as colônias.

Com o incentivo à imigração alemã no Vale do Rio do Oeste, em Taió, o cônsul via um meio estratégico de unir as colônias alemãs do Vale do Itajaí com as colônias Marschall Hindenburg e Schwabenland (próximas a Perdizes), colônias do Vale do Rio do Peixe, no meio-oeste Catarinense (Frotscher, 2007, p.41).

Tal movimentação diminuiria a distância entre as duas regiões para apenas 80 ou 90 quilômetros, constituindo, assim, a “ponte” entre as colônias catarinenses com o “*Deutschtum*⁵ do Rio Grande do Sul”, tendo Taió como pilar primeiro dessa ponte (Frotscher, 2007).

Antes disso, o mesmo cônsul já havia feito uma longa viagem de Florianópolis para o Vale do Rio do Peixe do Alto Rio Uruguai, para visitar e ver a situação dos locais de moradia dos alemães que moravam na região. Além disso, fez uma análise minuciosa da economia, da geografia, da situação cultural, social e

⁵ Expressão com a qual designava os descendentes de alemães oriundos Rio Grande do Sul que se instalaram no Vale do Rio do Peixe (Frotscher, 2007, p.41).



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

religiosa dos colonos e a proporcionalidade delas diante dos habitantes de outras línguas, demonstrando a sua preocupação com a miscigenação (Frotscher, 2007).

A autora continua com a questão dizendo que Brusque, Blumenau, Joinville e São Bento, são os lugares onde continuaram consistente com a identidade alemã através das escolas e associações culturais. Tais atitudes levaram elogios a colônia de Hermann Blumenau pela habilidade administrativa de não miscigenação dos imigrantes. Isso resultou no “mito” do colono pioneiro bravo - sendo que não chegaram na região primeiro – e assim mantiveram a “pureza racial”. Com isso, Frotscher (2007), diz que:

A maioria dos estudos atualmente acentua que as identidades e alteridades não são naturais, nem essenciais, nem imutáveis. Disto pode-se deduzir a importância da análise das práticas discursivas enquanto constituidoras de identidades, uma vez que os discursos não somente representam a vida social, mas também a constituem. (Frotscher, 2007, p.80).

Renk (1999), fala com relação entre o trabalho e o colono, que o trabalho se torna uma virtude étnica que separa o “alemão” do “brasileiro”. O brasileiro (o negro, o indígena, os mestiços), é visto como malandro, que não gosta de trabalhar. Enquanto o “colono” é visto como o trabalhador, endossando o discurso do pioneiro, do conquistador e a representação da missão civilizadora, como os construtores do progresso. Tais discursos se baseiam no tripé: família, religião e trabalho. Tal trabalho é tomado por uma positividade, dentro de um ethos que fazia a diferenciação entre os brasileiros e o alemão.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Essa junção entre o projeto político de desenvolvimento econômico partidário, com o vigiar constante do consulado alemão na região para a manutenção e os incentivos da perpetuação da cultura, em conjunto com o medo de miscigenação, a perpetuação da ideia de “raça pura” – até mesmo anterior as ideias nazistas – e o projeto de embranquecimento da população brasileira, com a consolidação das teorias racistas fortalecida pela base científica, dando força para a divisão social entre o sulista civilizado e o norte bárbaro. Ambas as regiões se agarram a uma única coisa: a um passado que não faz mais sentido.

5. Fortalecimento do Discurso de Ódio nas Mídias e a Questão da Origem Geográfica e de Lugar

Diante do que vimos na criação das identidades regionais, é claro que ambas as regionalidades abordadas, a Nordestina e a Sulista, assim como a ideia de identidade nacional, são constituídas por uma estrutura de classes. A identidade nacional é abordada na ideia de cultura unificada europeia, excluindo a singularidade apresentada pelos regionalismos e de etnias não-europeias. O Nordeste se agarra a uma memória distante de um passado de cangaceiros, beatos e latifundiários, esquecendo do fato que a região nasceu de um mapeamento da seca, de mais de 300 anos de exploração de suas terras e de sua gente, constituindo uma “não classe trabalhadora”. O Sul reforça o mito do colono pioneiro, trabalhador e obediente, esquecendo-se que essa questão vem de uma ideia racial de embranquecimento e de auto exploração obediente, sem questionamentos.

Uma resposta possível para essas questões apresentadas no trabalho, é uma possível manutenção de um status quo para uma determinada classe social, e a





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

consolidação de uma estrutura social capitalista e lucrativa para tal, com trabalhadores de baixa remuneração e obedientes aos seus patrões. Tendo em vista o empresariado étnico fortalecido ao Sul (Seifert, 2000) e herança escravagista e a forte presença de latifundiários no Nordeste.

Essas questões de identidade nacional e regional tem a ver com as questões tanto com o preconceito contra a origem geográfica e de lugar quanto com o ciberespaço? Bem, um possível caminho para se olhar isso, é olhar um ponto em comum entre os dois: o discurso de ódio.

Para dar continuidade, a discussão entra por um território conhecido, porém com dificuldades na sua exploração – tanto social, geográfica, política e legislativa – o ciberespaço. Esse lugar tão claro e tão obscuro ao mesmo tempo, é o espaço de transformação social que alterou tão rápido as relações da sociedade como um todo (ou seja, além das questões sociais), que chegou ao ponto de alterar os rumos políticos de diversos países.

Castells (2013), apresenta um caso muito claro desse tipo de papel do ciberespaço, que ocorre, principalmente, nas plataformas de mídias sociais: o caso da primavera árabe de 2011. Nesse caso, grupos, principalmente de jovens, que se organizaram pelas plataformas digitais para revidar a opressão política que mantinha as condições econômicas precárias, sem chance de reivindicar os seus direitos por estarem sob constante ameaça de uma violência de Estado, criando uma grande mágoa na população.

Então, a centelha da indignação e a luz da esperança os atingiu simultaneamente. A esperança veio de outros jovens árabes, como eles próprios, que





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

se haviam insurgido em outros países, particularmente no Egito, conhecido na imaginação cultural árabe como um al-dunya ("mãe do mundo"). A centelha veio de eventos específicos em cada país: autoimolações e martírios simbólicos como forma de protesto; imagens de tortura e espancamentos, pela polícia, de manifestantes pacíficos; assassinatos de defensores dos direitos humanos e de blogueiros populares (Castells, 2013, p. 75).

Não é preciso ir tão longe para ter exemplos desse tipo de movimentação popular nas plataformas de mídias sociais. Uma delas, é tratado no trabalho de Staloch (2015), que analisa os grupos do movimento FURB Federal, movimento na qual visa apoiar a federalização da Universidade Regional de Blumenau, nos grupos de Facebook e em perfil do Instagram? espaços da mídia social para fazer a movimentação social. Com isso, se utilizando do mesmo espaço de mobilização, As Jornadas de 2013 se iniciou a partir de movimentações nas mídias sociais. Nesse momento, tal qual a Primavera Árabe, o Brasil passou pelo seu “florescer” político-social em um outono (Theis, 2013), onde a luta por reduzir a passagem do transporte urbano, tornou-se um dos maiores movimentos “antipolítica” do país, e na qual deu margem para episódios que traria transformações assustadoras para todos os patamares da vida social e política brasileira, tudo isso sendo mobilizado a partir das mídias sociais. Dessa forma, demonstra como determinados comportamentos que anteriormente eram evitados nas relações concretas, são escancarados nas relações virtuais. Então, o discurso de ódio passa a vigorar nesse ambiente.

Para Spanholz (2020), o discurso de ódio é a comunicação que atinge de forma simbólica grupos que são historicamente oprimidos ou sistematicamente discriminados. Essa comunicação trata de uma forma consciente, e até mesmo





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

intencional, colocar determinados grupos, em um nível desigual entre pessoas, principalmente quando se trata de minorias políticas e pautas sociais. A autora demonstra que o discurso de ódio é definido por três propriedades: i) Quem: referência ao grupo; ii) O quê: a comunicação degradante; iii) Onde: esfera pública.

A primeira propriedade, o grupo, está se referindo a uma característica coletiva na qual o indivíduo pode ser associado, como origem, gênero, religião, orientação sexual. Sponholz (2020) acentua que, dentro destes termos, não existe discurso de ódio contra governos ou contra democracia. Enquanto a comunicação depreciativa, o discurso não fica meramente nos estereótipos. Isso é ultrapassado pela questão representativa quando passa a ser uma ameaça, zombaria, incitação ou a disseminação intencional das mensagens de discriminação, ódio, desprezo ou violência. E, por fim, a última propriedade, é criada para manter o controle de situações degradantes em ambientes públicos, tais quais o trabalho, a universidade, a rua, e a mídia. A autora também salienta que conversas de tom privado não fariam parte dessa propriedade (Sponholz, 2020).

Em Colonialismo Digital (2023), Faustino e Lippold trazem como o espaço é tratado no colonialismo digital, que a fabrilização da cidade teve um reflexo muito substantivo sobre a luta de classe ao conjunto complexo das relações sociais, a partir do momento em que o capital se permitiu apropriar do tempo livre e alienar de forma maquiada para inserir, durante o seu tempo livre e até mesmo desempregado, “na expropriação de tempo de trabalho excedente que caracteriza o processo de valorização do capital” (Faustino; Lippold, 2023 p.73).

6. Considerações Finais





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

O objetivo desse artigo, a partir da pesquisa bibliográfica, foi compreender como a construção da identidade nacional e da identidade regional contribui para a elaboração do preconceito contra a origem geográfica e de lugar e como ela se manifesta como discurso de ódio no ciberespaço.

Segundo Castells (2000), a existem três tipos de identidade, a primeira delas, a legitimadora, é aquela que as instituições dominantes se utilizam para racionalizar e propagar os seus ideais. É a base que muitos movimentos nacionalistas se utilizam para difundir a suas ideias. Com isso, a identidade nacional, tem como inspiração dois momentos da literatura e arte brasileira, o Romantismo e o Modernismo. O primeiro deles enfatizando o indígena como herói incorruptível e o segundo com a valorização dos símbolos nacionais e uma fuga do academicismo, tendo o seu segundo momento como o mais fervoroso a união nacional (Albuquerque Jr, 2011; Cardoso, 2015). Oliven (2000), ao debater a identidade regional, contrapõe e propõe que a questão nacional deve passar primeiro pelo regional, apresentando as diferenças como um ponto crucial para fortalecer a identidade nacional.

A construção a delimitação do Nordeste como região remonta pela década de 1920, a partir do mapa da seca paramentada pela IFOCS em 1919, para, principalmente, manter os latifundiários do açúcar e do café no poder após a queda do açúcar na região. Contudo, a sua história se inicia anterior a isso, quando o Brasil começa ser o Brasil. Enquanto o Sul, mais especificamente o vale do Itajaí, tem a sua construção de identidade regional a partir de uma iniciativa estatal com apoio internacional para a povoação da região e para o embranquecimento da população (Albuquerque Jr, 2011; Oliveira, 2003; Frotscher, 2007; Renk, 1999; Seyfeth, 2000).





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

O ciberespaço é constituído de forma de forma esperançosa, como espaço de transformação social e cultural e de conexão entre as pessoas de culturas diferentes. Apesar de ter essas características de fato, esse espaço começou a ser utilizado como ferramenta política e de propagação de discursos de ódio contra minorias políticas que vem ganhando espaço na luta dos seus direitos e de reforço a estrutura capitalista para manter o seu status quo, mantendo essa constante e indo contra a aquilo que vai contra a sua estabilidade. Essa estabilidade das instituições dominantes já está presente na construção das identidades regionais, tendo muito claro nessa relação Nordeste e Sul. Pelo discurso do Nordeste ser a região que “deu errado” e o Sul com os “bons trabalhadores” (Castells, 2013; Sponholz, 2020; Faustino, Lippold, 2023).

Com isso, as construções de identidades nacional e regionais apresentados durante o capítulo é essencial para entendermos a disseminação do discurso do preconceito contra a origem geográfica e de lugar. A consolidação do sistema capitalista e a continuação do status quo daqueles que detém o poder na sociedade brasileira foi um dos principais pontos da construção dessas identidades regionais. Desde a ideia do nordeste sendo a região “que deu errado” ao sul que teve investimento partidário, estatal e privado para embranquecer a população e “europecer” a brasilidade.

Tal qual essa manutenção do status quo da ordem das classes dominante se estende ao ciberespaço com a reprodução do discurso de ódio pelo meio de mídias online fazendo com que determinados grupos das classes mais baixas se identifiquem com tais discursos e se absorvendo na ordem dominante, se colocando





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

contra minorias políticas e construindo um estigma contra uma regionalidade inteira, até mesmo colocando ela contra si mesma.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. 376 p.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 20ª ed., São Paulo: Ática, 1996

CARDOSO, Rafael. **Modernismo e contexto político: a recepção da arte moderna no Correio da Manhã (1924 -1937)**. rev. hist. (São Paulo), n. 172, p. 335-365, jan.-jun., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98695> Acesso em: 06 set. 2024.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2ª ed. São Paulo: Terra e Paz, 2000.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2023. 207p.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

FROTSCHER, Méri. **Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007. 240p.

GUIMARÃES, Elisa ; O ethos na argumentação. In: Maria Célia Lima Hernandes; Maria João Marçal. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Editora da FFLCH - SP, 2008.

HOLLOWAY, John. **Mudar o Mundo Sem Tomar o Poder**. 1. Ed. Cap.8. Editora Viramundo. São Paulo: 2003, p 207-227.

OLIVEIRA, Francisco de. **O elo perdido: classe trabalhadora e identidade na Bahia**. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 115 p.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

OLIVEN, Ruben George. Nação e região na identidade brasileira. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 242. p

RENK, Arlene. **Etnicidade e itinerários de grupos étnicos no Sul do Brasil**. Grifos, Chapecó, v. 6, n. 1, p. 93-107, 1999.

SEYFETH, Giralda. **Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil**. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org). Região e nação na América Latina. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 242. p

SPONHOLZ, Liriam. O Papel dos Discursos de Ódio (Online) na Ascensão da Extrema Direita: um aporte teórico. Niterói: **Confluências**. V. 22, n.3, 2020 dez. 2020/mar. 202. pp. 220-243

STALOCK, Rubens. **As Redes Sociais Virtuais Como Possibilidade para a Construção De Territorialidades: uma análise a partir da comunidade “sou pela FUBR federal”**. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Regional, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2015. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/DS/2015/358789_1_1.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

THEIS, Ivo Marcos. **A primavera brasileira: em pleno outono?** In: Sousa, Cidoval Morais de. Jornadas de junho: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. 124 p

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Utopia Brasileira: povo e elite**. Brasília: Editorial Abaré, 2003. 183p.

ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 242. p

